



## **GT 69. Práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental**

### **Coordenador(es):**

Érica Quinaglia Silva (UNB - Universidade de Brasília)

Sônia Weidner Maluf (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** Ana Paula Müller de Andrade (Universidade Estadual do Centro Oeste -UNICENTRO)

Este Grupo de Trabalho (GT) visa a reunir pesquisas que abordem práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental. A proposta comporta, de um lado, abordagens das práticas de autoatenção e cuidado, itinerários, agenciamentos sociais, saberes locais e/ou tradicionais como estratégias de sujeitos e coletividades para vivenciar e agenciar o processo de saúde-adoecimento mental; e, de outro, políticas públicas e ações do Estado, processos de institucionalização e/ou desinstitucionalização, redes de atendimento, políticas pretensamente universais e seus mecanismos discricionários nos modos desiguais de distribuição de direitos, incluindo as mudanças na política nacional de saúde mental e de álcool e outras drogas desencadeadas desde 2016. Assim, etnografias do Estado e das políticas públicas, em serviços de saúde mental e instituições psiquiátricas, sobre itinerários, histórias de vida, práticas de usuários, familiares e profissionais da saúde são alguns temas previstos. Gênero e sexualidade, raça, classe, etnia, geração e deficiência são alguns dos marcadores sociais que serão considerados nas discussões do GT. A intenção é proporcionar a interlocução entre trabalhos que apresentem reflexões baseadas em pesquisas e/ou experiências que contribuam para a ampliação da compreensão das questões atinentes aos processos de sofrimento, aflição, perturbação e/ou adoecimento no campo em questão, suas práticas, políticas e discursos a partir de um olhar antropológico.

### **O corpo, a casa e a "repartição": sentidos de cuidado, corporeidade e processos de reconstrução do self dos moradores de uma residência terapêutica na Zona Norte do Rio de Janeiro**

**Autoria:** Monique Torres Ferreira (PPGSA/UFRJ)

Minha proposta neste paper é apresentar um recorte da pesquisa de campo que realizei no Centro de Atenção Psicossocial Torquato Neto, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Acompanho as reuniões semanais da equipe de profissionais de duas Residências Terapêuticas neste território de atuação. Meu objeto consiste em compreender os processos de reconstrução do self dos moradores dessas residências que tiveram trajetórias de longa permanência em instituições psiquiátricas; como os moradores atualizam e resignificam repertórios de sofrimento a partir das interações fora da instituição; como as profissionais manejam novas formas de "estar na vida" através da "construção do morar", conforme elas próprias enunciam; quais os efeitos da institucionalização de longa permanência, e os desafios da desinstitucionalização que é construída com os moradores no cotidiano? Quero trazer para debate algumas dessas questões que aparecem na pesquisa em curso. Como material empírico, mobilizo relatos das profissionais deste serviço registrados nas reuniões semanais de equipe- cuidadoras, acompanhante terapêutica, técnicas de enfermagem e da coordenadora do serviço- em que a rotina dos moradores é debatida, fazendo circular sentidos sobre o "morar", saúde e cuidado. A relação dos moradores com a casa, uns com os outros, com os objetos, com asseio pessoal, com a comida, são elementos que convergem enquanto pautas a partir dos quais se identifica ora uma melhora na saúde mental, ora a manifestação de uma "crise psiquiátrica". O fio condutor da análise dessas reuniões são os efeitos de internações psiquiátricas de longa permanência e como esse efeito é sentido no corpo a partir



dos atravessamentos entre a trajetória de vida e as interações cotidianas, sobretudo a forma como essa trajetória institucional ?que, como Goffman (2013) afirma, tem efeito degradante na carreira moral de pessoas com transtorno mental que passaram por internações psiquiátricas ? se atualiza no presente, do que é reconstruído desse self através de interações outras fora do espaço institucional fechado. Destaco o caso de Stela, por ser objeto de pauta constante das reuniões. Teço o fio narrativo de sua trajetória a partir das falas das cuidadoras e o momento que identificam o estado de crise e sofrimento a partir de uma dificuldade sua de tocar o próprio corpo e de tomar banho. Combino suas falas com a leitura de prontuários e uma interação breve que tive com Stela para pensar a reconstrução do seu self e o que diz sobre as dinâmicas dentro e fora da instituição manicomial.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: